

O cavalo de Sheikh Nasruddin

Recontado por Eesha Sardesai

O Sheikh Nasruddin caminhava rapidamente pelas ruas de Lucknow, no norte da Índia, com o sol parecendo uma órbita amarela pulsante acima de sua cabeça. Ele estava numa missão, que era a de comprar um cavalo. Ele nunca teve um cavalo antes, mas nesse calor escaldante e com as monções se aproximando, o cavalo era de longe a melhor maneira de viajar — para chegar a qualquer destino.

Quando o Sheikh finalmente encontrou o vendedor de cavalos no estábulo, a conversa deles foi breve. Nasruddin entregou ao homem uma sacola de moedas considerável; o homem trouxe o cavalo. Ele era grande e forte, esse cavalo, seu belo pelo marrom brilhando ao sol.

Empolgado, Nasruddin arregalou os olhos quando viu o animal. Antes que o negociante de cavalos pudesse dizer qualquer coisa, antes que ele pudesse dar ao Sheikh qualquer introdução ou orientação sobre essa sua fantástica nova responsabilidade — Nasruddin já tinha alcançado o pescoço do cavalo e começado a montar sobre o animal.

— Espere, espere, deixe-me mostrar como fazer isso! — disse o vendedor de cavalos.

Nasruddin, que de algum jeito desajeitado havia conseguido subir no lombo do animal, acenou para ele. "Estou bem", disse. "Viu?" Ele estava, afinal de contas, apenas *ligeiramente* ofegante.

Nasruddin cutucou o cavalo com a perna e logo os dois estavam trotando pela estrada.

— Ei, espere! — gritou o comerciante, correndo atrás de Nasruddin. — Volte aqui! Tem certeza de que sabe montar?

— Oh, eu não tive aulas —, disse Nasruddin, com tom indiferente. — Mas quão difícil pode ser?

E assim Nasruddin passeou pela cidade com seu cavalo, um sorrisinho espalhado pelo rosto. Passou por muitas lojas e barracas. De vez em quando o cavalo fazia uma pausa em uma das barracas, olhava ao redor com interesse, até cheirava alguns dos produtos.

Depois de algum tempo, Nasruddin e o cavalo encontraram uma barraca especialmente grande que vendia todo tipo de produto. Estava cheio de pilhas de mangas meladas de tão doces, e maçãs rosadas, arrumadas em meio a buquês de folhas verdes. Posicionadas em fileiras bem organizadas em frente à barraca, haviam grandes sacos de papel pardo grosso, cada um deles cheio de grãos, feijões e lentilhas diferentes.

O cavalo deu uma olhada nessa oferta variada de comida — humm, por que não? — e correu direto para lá. Quando chegou à tenda, olhou para dentro do saco de grão-de-bico e prontamente enfiou a cabeça ali.

Do alto de sua montaria nas costas do cavalo, Nasruddin observava incrédulo enquanto o cavalo mastigava firmemente. *Ele* não esperava que o cavalo fosse se atirar daquela maneira! Felizmente, pode se agarrar ao cavalo em tempo, mas tinha sido por um triz; o Sheikh quase caiu.

Só então, a voz irritada de um homem pode ser ouvida vindo de algum lugar próximo.

— Ei! Ei! O que você pensa que está fazendo? Pare com isso!

Nasruddin foi sacudido de seu devaneio. Ele se virou a tempo de ver o dono da barraca correndo na direção deles.

— Fique LONGE dos meus grãos de bico! — gritou o homem. Com olhos esbugalhados, ele agitava uma longa vareta fina na mão.

Antes que Nasruddin pudesse perceber o que estava acontecendo, o homem balançou a vareta na direção do cavalo. Uma, duas, três vezes ele bateu no flanco do animal — com força.

O pobre cavalo sacudiu a cabeça para fora do saco, o grão-de-bico voando por toda parte. Olhou ao redor, com os olhos selvagens de confusão e medo. Logo avistou o dono da barraca — que estava, muito pelo contrário, mais irado ainda, dada a bagunça que ele agora teria que limpar. Quando o cavalo viu a vareta na mão do homem, relinchou em pânico, se empinou e fugiu em disparada.

Ele galopava cada vez mais rápido, colocando a máxima distância possível entre si e o lojista. Seus cascos ecoavam e estalavam contra a estrada de terra. Infelizmente, no entanto, o som apenas deixou o cavalo mais assustado — o que o fez correr ainda mais rápido.

Quanto ao seu cavaleiro — bem, a essa altura, o Sheikh Nasruddin estava deitado rente sobre as costas no cavalo, pendurado em desespero.

Freneticamente Nasruddin apalpou em busca das rédeas, para, de alguma forma, desacelerar o cavalo e dominá-lo. Mas tudo o que ele podia sentir embaixo de si era a sela maciça do cavalo. Finalmente, ele percebeu: não haviam rédeas. Ele não tinha esperado até que o comerciante lhe desse as rédeas.

Naquele momento, o cavalo deu uma virada repentina e Nasruddin perdeu qualquer controle que ainda tivesse; foi empurrado para fora da sela. Antes que se desse conta, ele havia escorregado pelo lado e para baixo do animal — e, de alguma forma inexplicável, agora estava embaixo do cavalo, agarrado ao pescoço dele com seus braços erguidos, e ao corpo, agarrado com as pernas.

O cavalo, que não sabia da situação de seu cavaleiro ou não se incomodava com isso, simplesmente continuou correndo. Logo os dois estavam passando por outro mercado. A corrida frenética do cavalo, seu movimento desvairado, atraiu muitos espectadores. À medida que essas pessoas se aproximaram para olhar melhor, elas cutucavam umas às outras e apontavam para a cena, com uma expressão que parecia mistura de diversão e preocupação. Aquilo por acaso era *um homem* agarrado à parte de baixo do cavalo?

Um dos espectadores abriu caminho aos trancos e barrancos até chegar à frente da multidão crescente.

— Aquele é meu amigo! — gritou. — Aquele é o meu amigo! É o Nasruddin!

— Ó Nasruddin! — gritou. — O que está acontecendo? Onde você está indo?

Houve uma pausa. E então, de debaixo do cavalo, veio a resposta abafada do Sheikh Nasruddin.

— Eu não sei — gemeu. — Pergunte ao cavalo!

